

## Dois modos de ser crítico

Josef Pieper

(Trad.: G. Greggersen e J. Lauand)

**Resumo:** Pequeno texto clássico de Josef Pieper sobre os diferentes modos de pensamento crítico: na ciência por um lado (*nichts durchlassen*); no filosofar (*nichts ausassen*), por outro.

**Palavras Chave:** Filosofia e Ciência. Teologia.

**Abstract:** Short classical text of Josef Pieper on the different ways of being critical: in Science (*nichts durchlassen*) and in Philosophy (*nichts ausassen*).

**Keywords:** Philosophy and Science. Theology.

Evidentemente, há dois modos distintos de ser “crítico”. Pensar criticamente caracteriza-se por uma certa vigilância e cuidado. Esse cuidado dirige-se a evitar “engolir” com demasiada facilidade determinadas coisas que costumam passar despercebidas ao espírito acrítico.

Neste contexto, não deixa de ser natural lembrarmo-nos logo do pesquisador científico. Para ele, “ser crítico” significa zelar para que, apenas e tão somente, o que foi suficientemente comprovado seja aceito como válido. No entanto, para além da ciência, que por sua natureza lida com objetos que, se por um lado podem ser tratados de modo exato, por outro são particulares, há, ainda, outros modos pelos quais a verdade se nos torna acessível.

Em todo o caso, para nós, enquanto seres chamados à reflexão, não nos basta chegar a conhecer, por exemplo, como se estrutura o átomo, como se desenvolvem as doenças cancerosas ou, então, em que consiste a morte de uma pessoa do ponto de vista fisiológico.

Tais conhecimentos são-nos insuficientes e não abrimos mão de alcançar alguma concepção, seja de que tipo for, sobre a totalidade do real, bem como sobre a própria existência humana; em última análise, nosso desejo de conhecer tem por objetivo aquilo que o filósofo anglo-americano Alfred N. Whitehead chama de *the complete fact*, o “fato completo”, a coesão global do mundo e da existência. Quanto a isto, é para nós absolutamente claro que jamais será possível um conhecimento humano exaustivo a respeito deste “objeto” e que, pelos métodos das ciências exatas, o homem talvez nem sequer possa divisar esta coesão global. No entanto, insistimos em perguntar-nos acerca dela e em procurar uma resposta para ela.

É principalmente ao filosofar que somos levados a este sentido de “direção à totalidade”; pois filosofar significa precisamente isto: considerar a totalidade, o sentido último daquilo com que deparamos na experiência. É uma tarefa que evidentemente não pode ser encerrada no âmbito delimitado de uma disciplina acadêmica especializada, uma tarefa da qual, além do mais, ninguém que tenha a pretensão de pautar a sua existência a partir do pleno impulso de sua vida do espírito se pode eximir.

Mas também para aquele que crê, isto é, para quem quer que aceite como verdadeiro o autêntico anúncio divino sobre a origem e o fim de toda criatura e que procura compreender o que isto significa realmente, certamente terá que considerar a “coesão global”, ou seja, a “totalidade”.

Evidentemente, porém, este filosofar e este crer, se tudo corre bem, não acontecem de modo acrítico ou simplesmente aleatório. Para quem filosofa, como para quem crê, não é permitido ignorar dificuldades ou objeções de pensamento; ambos têm por obrigação serem igualmente “críticos”, ainda que cada um a seu modo específico. Em todo o caso, também eles são movidos pelo cuidado de evitar “engolir” algo determinado, o que, uma vez mais, pode muito facilmente ocorrer para o pensamento acrítico.

Aliás, este cuidado refere-se a algo completamente diverso daquilo que orienta a vigilância do pesquisador científico, que visa em especial, para usar uma formulação breve, “não deixar passar nada” (*nichts durchlassen*) que não tenha sido comprovado, enquanto que para o que filosofa, tal como para aquele que crê, o que vale é “não deixar de fora nada” (*nichts auslassen*), absolutamente nada, nem perder algo do *todo* do mundo e daquilo que nos foi destinado e adjudicado pela Palavra reveladora de Deus. Para evitar que nem ao menos o menor elemento da totalidade da verdade lhe escape, estaria antes pronto a contentar-se com provas menos exatas do que assumir um possível comprometimento do contato com a verdade. E no que se refere àquele que crê, permanece para reflexão a sentença de John Henry Newman, que afirma que o cuidado crítico, cuidado de quem crê, pode manifestar-se precisamente no fato de “não esperar pela prova mais perfeita que se possa imaginar”.

Recebido para publicação em 09-09-20; aceito em 16-10-20